

Outreach* e a IPA

Doutor Charles Hanly

A crise que enfrenta a psicanálise foi explicitamente reconhecida há oito anos atrás. O DPPT foi criado para financiar pesquisas que se aprofundassem no problema e projetos com o intuito de seu melhoramento. Mesmo assim, a crise continua. Muitos analistas não têm analisando suficientes para sustentar-se. Muitos são obrigados a praticar psicoterapia, psiquiatria, psicologia, ou contar com suas profissões pré-analíticas. Os institutos das nossas Sociedades Componentes encontram dificuldades em atrair candidatos saudáveis (sólidos), muito menos candidatos de alto calibre, excepcionalmente dotados. Pessoas jovens, que são realistas, talentosos e de visão interna perspicaz (*insightful*) são frequentemente, apesar de não sempre, atraídos para profissões que lhes prometem um bom sustento e, ao mesmo tempo, uma carreira interessante. Os esforços que nós temos feito até aqui, os quais têm custado, aproximadamente, \$1.000.000,00, não tiveram, geralmente falando, o sucesso de trazer melhoras mensuráveis, apesar de alguns projetos promissores.

A administração atual tem recomendado e o Board tem aprovado, acho eu que sabiamente, o término do programa do DPPT. Será que há algo que podemos fazer para contornar a situação, talvez até com custo menor?

Durante a sua vida, o gênio de Freud, e a excitação e furor despertados pelas suas descobertas, levaram a psicanálise vigorosamente à atenção de um público instruído, que foi, ao mesmo tempo, receptivo e hostil. A excitação tem evaporado desde a morte de Freud, apesar de que algo do furor ainda está escondido na contínua necessidade entre não poucos acadêmicos, psiquiatras, assistentes sociais e psicólogos para refutar e desacreditar a psicanálise. Alguns psicanalistas se juntam ao esforço de refutar, rendendo à psicanálise tendências mais agradáveis, neste respeito, seguindo os passos de Jung. Eu suspeito que tentativas de reacender a excitação do século passado, facilmente demais e frequentemente demais tendem para a nostalgia. Conservadorismo dogmático e Freudianismo reverencial tampouco são de uma real ajuda. É a minha esperança que as forças-tarefa sobre Integração Conceitual e sobre Observação e Testes Clínicos, apoiados pelo nosso Board Internacional

* OUTREACH significa um movimento para alcançar algo. Neste artigo, se refere ao movimento de dentro da IPA, para alcançar o público e a sociedade, em geral.

de Pesquisa, vão colocar em ação um esforço estável com bases largas, para encontrar, sustentar e avançar uma essência de uma teoria, técnica e prática psicanalítica, empiricamente estabelecida. Estes empreendimentos, essenciais como podem ser para a restauração da psicanálise para o lugar de orgulho dentro da ciência e das disciplinas clínicas, tem que ser apoiados por outras iniciativas, que possam levar a psicanálise ao público, se é para ela sobreviver, como o fez no século passado. A psicanálise está atualmente a caminho para se tornar uma profissão geriátrica. Colocado em termos de uma simples fórmula quantitativa, nós precisamos buscar iniciativas que reduzirão a idade média dos psicanalistas em uma década ou mais.

A tarefa, como eu a entendo, é encontrar e buscar uma variedade de caminhos e meios para reacender curiosidade, interesse e confiança na psicanálise clínica pelo público instruído, através da demonstração de sua utilidade para a compreensão e o melhoramento dos problemas psicológicos humanos no dia a dia em casa, na comunidade, no trabalho, nas escolas, nos hospitais, nas universidades, nos tribunais e prisões, nas artes etc. Nós precisamos fazer com que a psicanálise seja uma disciplina clínica melhor conhecida pelo público instruído, através da demonstração de sua relevância e utilidade em aplicações extraclinicas. Com certeza, o núcleo central da psicanálise sempre será a prática clínica. Mas, quando o centro continua sendo fortemente pressionado, como é agora, mais trabalho nos flancos é justificado, tanto para o seu próprio bem, quanto para fortalecer o centro, tendo mais pacientes em tratamento e mais candidatos em formação.

Vamos considerar um exemplo específico. Nós estabelecemos um comitê sobre o preconceito. Uma parte essencial do seu mandato foi estudar a psicologia do preconceito, com a intenção de prover professores com material que pode ajudá-los a compreender os preconceitos que eles encontram nas salas de aula e no pátio da escola. Este projeto demonstraria a relevância da psicanálise para os problemas sociais, de maneira prática e proveitosa para a importante profissão do ensino. Entretanto, o comitê estreitou o seu foco para o estudo do preconceito no processo de transferência e contratransferência de pacientes e analistas. Este tema é certamente merecedor de estudo. Porém, contribui pouco para o aumento de pacientes em análise e para o número de analistas. É bom ser sofisticado sobre a psicogênese do preconceito na transferência e na contratransferência, mas, quão proveitoso o é, na prática, para o analista que não tem nenhum paciente em análise? Não será a concentração sobre o preconceito no *setting* analítico como um substituto de um

projeto *outreach* de um serviço público um recuo das ruas (neste caso das escolas) para a torre de marfim?

A psicanálise precisa de projetos que supram os psicanalistas de oportunidades para usar, de forma a se beneficiar e lucrar do seu conhecimento, os seus treinados inteligência psicanalítica e poderes de observação, para resolver problemas além da psicanálise clínica, propriamente dita. Nada propaga melhor a psicanálise do que tratamentos clínicos de sucesso. Não há dúvida que a psicoterapia psicanalítica continua ser um adjunto clínico importante da psicanálise, sendo ela própria uma forma de *out-reach*. E, analistas que estão de alguma forma sem trabalho, e que tem cargos universitários em medicina, ciências humanas e sociais são capazes, como professores e pesquisadores, trazer o seu conhecimento psicanalítico para amenizar alguns dos problemas de suas disciplinas acadêmicas e mostrar a psicanálise para os seus estudantes e colegas. A psicoterapia psicanalítica nos consultórios e o ensino e a pesquisa nas universidades são maneiras valiosas de colocar a psicanálise para trabalhar, maneiras estas que podem também prover renda para os analistas. Porém, como uma propaganda para a psicanálise, a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica tem um problema em comum: o da privacidade motivada, que o ensino e a pesquisa não têm. Pacientes que tem se recuperado de dificuldades neuróticas sérias, não tem a inclinação para anunciar publicamente a sua recuperação como esta aconteceu. A psicanálise clínica é o sangue vital científico da psicanálise; nós não devemos deixar nenhuma pedra sem revirar, na nossa busca de caminhos para encorajar aqueles que podem por ela ser beneficiados, a buscá-la.

De um modo geral, *outreach* pertence às sociedades componentes da IPA. Cada sociedade precisa ter meios de fazer o serviço clínico dos seus membros conhecidos na sua própria comunidade. Entretanto, a IPA pode fazer duas contribuições básicas. Ela pode prover informações ao público sobre a psicanálise de forma global, regional e local, anunciando congressos e conferências, resultados de pesquisas etc. Ela pode desenvolver instrumentos de informação ao público, para o uso das sociedades componentes. E ela pode apoiar e facilitar um maior desenvolvimento de programas efetivos de *outreach* nas nossas sociedades componentes.

A primeira contribuição, a informação ao público, está em andamento, como resultado da criação do Comitê de Informação ao Público, por Cláudio Eizirik. O Congresso de Berlim foi um sucesso de informações ao público, em comunidades de língua alemã, na Europa, parcialmente como o resultado da colaboração entre o Comitê de

Programação Científica, o Comitê local de Preparação e o Comitê de Informação ao Público. O Comitê de Informação ao Público tem adotado um projeto em cada região, para continuar a experimentar estratégias de publicidade. Ele está, no presente, colaborando com publicidade para o Congresso de Chicago. Está desenvolvendo planos para usar a celebração científica do centésimo ano da IPA, como uma oportunidade para uma promoção efetiva do conhecimento público sobre a psicanálise. O trabalho do Comitê de informação ao público deve continuar e expandir-se através do estabelecimento de linhas de colaboração com, entre outros, o Board Internacional para Pesquisa. É importante que nós fomentemos um número crescente de analistas, em cada sociedade componente, que são conhecedores de maneiras e meios de informações ao público. O Comitê de Informação ao Público pode e deve encorajar e facilitar este desenvolvimento. Psicanalistas devem preservar os standards mais altos de confidencialidade clínica. Estratégias apropriadas e efetivas de informações ao público não transgridem a confidencialidade clínica em nenhuma maneira. Eu pretendo continuar e espero estreitar o trabalho do comitê de Informação ao Público tanto em relação aos nossos próprios comitês, como os comitês de Congresso, o Board Internacional de Pesquisa e de Novos Grupos, quanto em relação às organizações regionais e, especialmente, às sociedades componentes.

A segunda contribuição consiste em encorajar e facilitar estratégias e atividades efetivas de outreach nas nossas sociedades componentes. Pois, há evidências que programas de outreach bem desenhadas e executadas de forma consistente por um período de alguns anos, podem fazer uma diferença substancial no número de pacientes em análise e, conseqüentemente, no número de candidatos. A comparação de uma média de número de pacientes em análise (4 vezes por semana) na sociedade Psicanalítica de Michigan, com a média dos membros da APsA, é toda a evidência que precisamos.

Estas estratégias podem ser classificadas ao longo de um espectro, a partir de “para lucro” até o “gratuito” (pro bono). Analistas individuais e comitês de sociedades componentes já estão engajados em muitas destas venturas. Está muito além das minhas possibilidades enumerá-las, na sua rica variedade.

Um tipo de *outreach* de muito sucesso é uma clínica que cobra honorários baixos. Estas clínicas oferecem psicanálise e psicoterapia psicanalítica a membros da comunidade que, de outra forma, não podem ter recursos para um tratamento necessário. Como resultado, eles realçam a imagem da psicanálise entre as classes profissionais e de negócios da comunidade, que são mais liberais e tem uma consciência social. Mas, também servem

para outros propósitos: são fontes de casos de supervisões para candidato e para aspirantes-a-analista de disciplinas não clínicas que precisam de oportunidades para ter casos de psicoterapia supervisionada. Eles são uma fonte de casos para analistas mais jovens, que estão construindo os seus consultórios psicanalíticos; são uma fonte de casos para analistas de grande sucesso que precisam se refrescar com os problemas da pobreza, depois de ter sido saturados com os problemas da abundância. Do ponto de vista financeiro, uma clínica que cobra honorários baixos é localizada em algum ponto da extremidade gratuita (pro bono) do espectro.

O projeto de *outreach* para professores e escolas acima discutido estarão na extremidade pro bono do espectro, como também são os atendimentos feitos à vítimas de desastres traumatizantes, como o terremoto no México ou a destruição das Torres Gêmeas em Nova York.

No outro extremo do espectro se encontra o projeto de pesquisa de análise de finanças, conduzindo pelo nosso colega do Board, David Tuckett. Outro exemplo neste extremo do espectro é o trabalho de Abraham Zaleznik, analista didata na Sociedade de Boston, e da Konosuke Matsushita, Professor Emérito de Liderança na Harvard Business School e autor de “Estudando a Liderança” e “Porcos-espinhos e Raposas”. Zaleznik é o epítome do consultor psicanalítico de negócios, de sucesso. Junto com Robert Michaels, ele conduz um grupo de discussão anual na APsA, o último dos quais foi sobre “Problemas Psicanalíticos na Organização”. Um analista canadense, que estudou com o professor Zaleznik, e agora trabalha em Paris, Manfred Kets de Vries, conduz seminários sobre psicanálise e negócios. A IPTAR (de Nova York) tem um grupo sobre psicanálise e negócios, tendo a influência da tradição da Tavistock.

Ainda, outro tipo de projeto é o treinamento de psicoterapeutas em psicoterapia psicanalítica. Estes projetos providenciam o *outreach* para as profissões da saúde mental. Eles podem se tornar uma fonte de renda para analistas, para ensino e supervisão, e de encaminhamentos para psicanálise. Eles podem ser uma fonte de candidatos para uma formação psicanalítica. É mais adequado quando estes programas são oferecidos pela Sociedade do que pelo Instituto, de forma que linhas apropriadas de demarcação podem ser mantidas mais facilmente.

Dois últimos exemplos estão no domínio do *outreach* para as artes e as ciências humanas. Em São Paulo, Leopold Nosek, juntamente com diretores de cinema, produtores e

atores, organiza festivais de filmes psicanalíticos anuais, para o público interessado. Outros analistas são envolvidos em planejamento de exposições de arte com peças e catálogos psicanaliticamente informados. Em Ann Arbor, Marvin Margolis organiza conferências anuais de fim de semana, sobre a psicanálise e as ciências humanas, de interesse para estudantes das ciências humanas e professores das universidades da região, para as quais o público também é convidado. Estes projetos caem claramente na categoria do pro bono. Porém, podemos querer perguntar se estas atividades de analistas em São Paulo e Ann Arbor não tem nada a ver com o fato de que a clínica analítica prospera invejavelmente nestes dois centros.

Questões e Reflexões Finais

Eu me pergunto se é possível para a IPA, sob a influência, por exemplo, das carreiras de colegas como Abraham Zaleznik e o trabalho inovador de David Tuckett, encorajar e facilitar o desenvolvimento de sub-especialidades na psicanálise aplicada. Um consultor psicanalítico de negócios pode ser uma de muitas sub-especialidades. Por exemplo, psicanalistas poderiam aconselhar em vários aspectos da lei: leis de família, responsabilidade legal, testemunho especialista em tribunais, problemas organizacionais e de liderança nas leis de sociedades etc. Não há dúvida, que existem outras oportunidades. Uma preparação de treinamento especial também seria necessária, inclusive um conhecimento adequado nos campos de aplicação. O planejamento e a execução do treinamento requerido poderiam, em si, ter benefícios, por fazer a psicanálise mais conhecida nos negócios, nas universidades de direito e de educação, para citar alguns dos exemplos que usei.

Obviamente, a questão da viabilidade tem que ser considerada seriamente. Se um trabalho desta natureza é para ser assumido, ele tem que ser bem feito. Mas, se for bem feito, vai resultar em dois benefícios: mais analistas poderão ganhar honorários da aplicação de seu conhecimento psicanalítico e suas habilidades de observação; o sucesso tem a expectativa de despertar respeito e apreciação para a psicanálise, inclusive para a psicanálise clínica, e daí, mais pacientes nos consultórios clínicos. Eu não acho que podemos fazer muito progresso esperando atrair candidatos que são preparados para tratar a formação psicanalítica apenas como um adorno para uma carreira devotada a outra coisa, com uma possível exceção de relativamente poucos acadêmicos. O programa de formação da APsA para não médicos, que são proibidos de praticar, depois da graduação (Abraham Zaleznik foi uma das poucas exceções) não a salvou de um processo judicial.

Certamente, não é uma questão de começar do zero, mas de dobrar esforços existentes, que já estão tendo sucesso, preenchendo as lacunas, fazendo melhorias, procurando e testando a viabilidade de novas possibilidades e oportunidades.

Recomendações

Eu gostaria de fazer duas propostas:

1. O Comitê de Informações ao Público deve continuar.
 2. O DPPT deve ser substituído por uma Força Tarefa de Out-Reach.
-
1. O mandato do Comitê de Informações ao Público deve ser revisado, para assegurar que ele é capaz de atingir as suas metas.
 - a) De maneira geral, o Comitê de Informação ao Público deve ser desenvolvido como um repositório de especialidades sobre os meios mais efetivos de informar o público sobre a psicanálise e sobre os eventos da IPA como Congressos, conferências de pesquisa, o desenvolvimento na Europa Oriental, na Ásia etc.
 - b) Ele deve trabalhar junto com os Comitês de Programação Científica e de Programação Social e Cultural de Congressos com o Board Internacional de Pesquisa, o Comitê Internacional de Novos Grupos e outros Comitês, para encontrar oportunidades efetivas para realçar a imagem pública da psicanálise.
 - c) Similarmente, todos os Comitês da IPA devem, rotineiramente, consultar o comitê de Relações Públicas (acho que Doutor Hanly queria dizer: Informação ao Público) com a mesma proposta.
 - d) Ele deve procurar e executar projetos de informações ao público. Particularmente, ele deve desenvolver informações ao público e fazer o *outreach* para os componentes do *website* da IPA. Ele deve assistir corpos regionais e Sociedades Componentes no desenvolvimento de componentes de informações ao público dos seus *websites*. (uma alternativa seria um website independente ligado (*linked*), do tipo que se pode ter para um jornal de *outreach* ou jornal eletrônico. O argumento contra esta escolha é que o público deveria ser convidado para a home Page para

aprender sobre a psicanálise e, talvez, procurar um analista. Em atividades caseiras, isso pode frequentemente ser melhor feito através de um *link*.)

e) Ele deve orientar o staff de apoio de Broomhills, de maneira que o website, brochuras e outras publicações sejam de melhor qualidade possível. Ele deve examinar todo o material de informação, interna ou ao público, antes de ser enviado de Broomhills

2. A força tarefa de Out-Reach deve ser criada, consistindo de um chair e dois representantes de cada região. A força tarefa vai:

a) Manter, classificar e publicar para cada Sociedade componente, um inventário de programas de out-reach da sociedade componente e, tanto quanto possível, buscar maneiras para avaliar o sucesso de projetos, em termos de aumento de pacientes e candidatos.

b) Encorajar sociedades componentes a desenvolver projetos de out-reach, e procurar facilitá-los, através de estabelecimento de contatos com a(s) sociedade(s) mais próximas, com programas do mesmo tipo, que tiveram sucesso.

c) Estabelecer um web-site com um link com um web site de Out-Reach da IPA para este propósito, através do qual, cooperação e suporte mútuo poderão se desenvolver entre e dentro de sociedades com projetos de out-reach.

d) Explorar a possibilidade e a viabilidade de novos projetos.

e) Quando necessário (i.e quando uma sociedade componente adjacente não está disponível) providenciar a assistência de uma visita de um (ou mais) colega consultar mais experiente, quando uma sociedade componente assim requerer.

Tradução: Batia Lederman